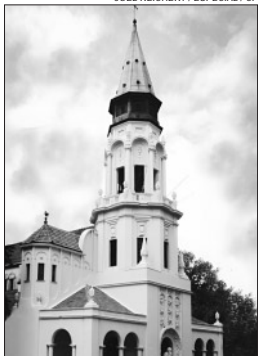


## PAINEL

JOEL REICHERT / ESPECIAL / CP



A São José reinaugura torre e fachada

## A Igreja São José comemora 80 anos

No mês em que completa 80 anos de sua construção, a Igreja São José reinaugura a torre e a fachada. As obras integram a primeira fase de recuperação externa do prédio. A entrega oficial será marcada pela realização de uma Missa em Ação de Graças neste domingo, 20h (avenida Alberto Bins, 467, Porto Alegre). A celebração ocorre no ano em que a Comunidade São José, instituição mantenedora da igreja, completa 133 anos de fundação e a imigração alemã no Estado comemora 180 anos. A missa terá participação do Coral Fratelli, com regência de Albino Pozzer e depoimento do presidente da comunidade, Jorge Englert.

As festividades terminam no dia 14, às 20h, com o Concerto de Natal nos 80 anos da Igreja São José, realizado pela Orquestra Sinfônica e Coral Sesc-RS. A regência será do maestro Leo Fuhr. A primeira fase de recuperação externa foi realizada em dois anos com recursos próprios e doações espontâneas. A igreja foi edificada para lembrar os centenários da Independência do Brasil (1922, data de início da construção) e da imigração alemã (1924).

## SOCIEDADE

Eduardo Conill

### Casamento

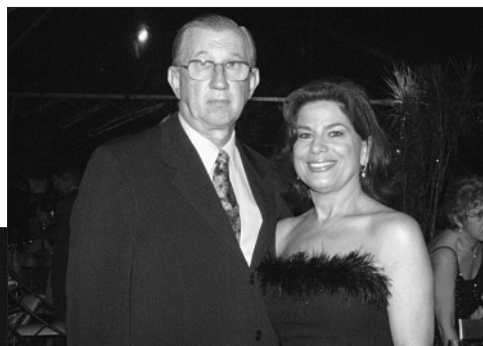
O casamento de Isabelle Isdra - uma noiva radiosa, sempre sorridente e com original toucado de cabeça, chegando em sua limusine branca - com Andrés Rajchenberg foi uma das festas mais poderosas do ano e com tantos detalhes criativos que dificilmente será esquecida. Desde a entrada no pórtico principal do cais do porto, onde o piso de pedras estava coberto por forração; as senhas eram trocadas por cartões magnéticos e já começava o serviço de champagne. Tudo na ocasião era admirável. Um chafariz antecedia o altar da cerimônia religiosa, no alto, onde o rabino Mendel oficiou o rito ortodoxo para os noivos que entraram sob o som de trompetes com bandeiras mostrando as iniciais do casal.

Os casais Sophie e Leônidas Isdra, ela em verde e lilás com longa capa, e Perla e Marcos Rajchenberg, ela em verde-vivo, receberam centenas de convidados, e o serviço de Marco Behar & chef Lúcio incluía 150 garçons. Yara e Roberta Jalfin organizaram com primorosa perfeição e muitíssima mão-de-obra todo o acontecimento, mas tudo foi irretocável. Cada mesa exibia um mapa com os diversos recantos e bufês, ao todo eram oito variadíssimos, lembrancinhas, canastra de pães e prato com patês variados, além das orquídeas amarelas. Um livro em cada cadeira contava a história da família, dos noivos e da cerimônia. Dois apoteóticos shows pirotécnicos iluminaram a noite e deslumbraaram os convidados.



Andrés Rajchenberg e Isabelle Isdra

FOTOS ABELARDO MARQUES



Luiz Roberto Marczyk e Maria Tereza



Sophie e Leônidas Isdra



Vivian, Renata e Telmo Weinstein

E-mail: conill@correiodopovo.com.br

## JUREMIR MACHADO DA SILVA

E-mail: juremir@correiodopovo.com.br

### A barriguinha do Caetano

Há coisas que humanizam a existência e mostram que, apesar das divisões, somos todos - reis, presidentes, celebridades e até gremistas - realmente iguais: a dor de barriga no meio de uma reunião importante, a incapacidade de escolher um bom presente de Natal para um tio, as lágrimas de um grande homem e, última manifestação dessa virtude isonômica natural vista por mim, a barriguinha do Caetano Velloso. Assistir ao Caetano Velloso, no estacionamento do Bourbon Country, com ar de mauricinho barrigudinho me lavou a alma. Voltei para casa mais humano.

Como todo mundo, *le tout* Porto Alegre, fui à pré-estreia de "Meu tio matou um cara", de Jorge Furtado, ainda mais que estava prometida uma palhinha do Caetano Velloso. Cheguei lá meio constrangido, graças a um convite que me deslizou o meu amigo Carlos Gerbase. Afinal, até hoje, só meti o pau nos filmes do Jorge. Como todo mundo também, levei um susto: toda a Porto Alegre estava lá. Ou o Gerbase tem muitos amigos ou foi uma boa jogada de marketing. Nada como uma boa tietagem. Estavam na área todos os homens de preto e cabelo arriado da cidade. Não faltaram também as menininhas, cruzada de cabide com girafa, como diria um personagem de Carlos Moraes, sonhando em ser estrela. Nem

aqueles mulheres que, vistas de trás, parecem patricinhas na flor da idade e, de frente, fazem pensar nas pirâmides do Egito. Enfim, uma maravilhosa festa burguesa.

Quando eu vi o Caetano e tive a barriguinha, ainda que o Peninha estivesse na frente e atrapalhasse um pouco, não me contive: "Como é feio esse baixinho". As mulheres discordaram. Estava ali aquele senhor grisalho, de óculos, ar de coruja, engomadinho. Claro que, quando ele cantou, foi outra história. Ainda mais que, antes dele, tivemos de ouvir o Nando Reis. Como é ruim esse cara! Não tem voz. Nem falta de voz. E vem com aquelas letrinhas de redação escolar. Depois o pessoal não quer que a gente esculhambe a tal cultura brasileira. Lá estava também, na sua pose de sargento, a Paula Lavigne, produtora do filme e quase ex-mulher do Caetano. Tão bonita quanto ele. Ainda bem que sou contra a beleza. Tenho razões próprias para isso.

A massa foi acomodada em três salas. Furtado, Caetano, Paula e cia. passaram em cada uma delas para que os convidados fossem

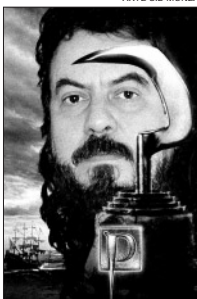
saudados e os patrocinadores, devidamente citados. No cinema, as PPPs, parcerias público-privadas, já estão a mil. A lista de créditos, nos dois sentidos, dos patrocinadores já concorre com a do pessoal que faz o filme. Era emoção em excesso. Eu até podia ir embora sem ver o filme. Mas não seria educado. Veio o filme. É disparado o melhor de Furtado. Como sempre, ele fez quase tudo errado. Só poderá dar totalmente certo. Será um sucesso estrondoso. Vai bombar em todo lugar.

Furtado é um tio com síndrome de Peter Pan. Não quer crescer. Faz filmes agora para os adolescentes. Gosta de mimetizar a fala da galera. É um nicho comercial fabuloso. No Brasil, vende-se livro de receita e de autoajuda como literatura. No cinema, passamos do comercial que sonhava em atingir a massa para o das fatias de mercado. "Meu tio matou um cara" tem a dicção do Jorge Furtado, aquela narração "Ilha das Flores". A classe média se auto-elogia por intermédio de uma família quase perfeita, pais felizes,

compreensivos, sempre com tesão, escola legal, adolescentes inteligentes, uma revolução pedagógica e ausência total de conflito. A miséria é só uma fotografia de favelas.

Politicamente correto por razões de mercado, o filme investe num final feliz entre o menino negro e a menina branca. Entramos na era das cotas para o amor bem-sucedido entre as diferentes etnias. O tio, claro, também pega uma loira e chega a ter de assumir um crime por amor. Passa uns dias na cadeia, onde nunca é visitado pelos adultos, mas somente pelos adolescentes, que partem em serena excursão ao presidio central como representantes da família.

Desde "Ilha das Flores", criticado por mim, na contramão da humanidade, já na primeira exibição em Gramado, Furtado faz o mesmo filme. Admito que me enganei: "Ilha das Flores", posto na série, é uma obra-prima. Tem uma vantagem, é muito mais curto. Ao final de "Meu tio matou um cara", a platéia, embarçada, aplaudiu friamente. Por educação. Lá fora, ouvi só um comentário de uma moça aturdida: "Levinho, o filme, não?". Caetano elogiou. Achei que era por interesse comercial. Mas a barriguinha dele me passou uma imensa credibilidade. Revisei meus conceitos.



ARTE SID MONZA